

Textos utilizados na caixa xamânica extraídos do livro Domínios do Demasiado, Tecnomagia, Yupana Kernel

Os homens da rua se vociferam entre si: amaldiçoam as ruas com seu mijo, sua merda, seus restos de comida doada. Catam nossos lixos com carroças por eles puxadas. Depois relaxam horizontalizados, agitando suas cachaças puras num misto de zombaria e desespero. (Domínios do Demasiado)

A miserabilidade se encrava no horizonte da cultura como signo de ameaça. É como se em vista dos corpos despachos instalados publicamente, o resto da humanidade conivente com a lógica ascendente civilizatória percebesse a condição existencial a que seria submetida, caso interrompesse sua produção para o sistema de trocas da megamáquina megalômana. (Domínios do Demasiado)

A mulher batia em si mesma violentamente com um pedaço de borracha; roupas em frangalhos — amaldiçoava a humanidade. Debatia-se contra o tráfego paralisado da sinaleira-encruzilhada. O ruído produzido pelo choque do seu corpo contra as carcaças dos automóveis superava os ruídos dos motores. Não era humano seu grito, nem solitário. A dor de uma multidão inteira esguichava de sua boca. Seu grito aturdiu a tarde. A cena entorpecia o tempo. (Domínios do Demasiado)

Nas escadarias das igrejas, nas calçadas das secretarias de justiça, em frente aos bancos eletrônicos, os moribundos se instalam e afrontam com suas peles e tecidos podres os imponentes edifícios, como se fossem pragas urbanas carcomendo os pilares dos templos religiosos, econômicos e ministeriais. Com suas poses mórbidas, seus fedores, mijanças e caganças em frente aos edifícios, ousam alterar os projetos urbanistas da cidade, construídos com fins bem diferentes do que suportar suas guerrilhas escatológicas. (Domínios do Demasiado)

Manifestação da miséria como ação interventora no cenário citadino. Escândalo revelador que denuncia e desvenda, ao mesmo tempo, o anacronismo civilizatório. Miséria como escândalo ontológico, público e performático. (Domínios do Demasiado)

E vocês loucos, lúcidos, sífilíticos, cancerosos, meningíticos crônicos, vocês são incompreendidos. Há um ponto em vocês que médico algum jamais entenderá [. . .] Vocês estão além da vida, seus males são desconhecidos pelo homem comum, vocês ultrapassaram o plano da normalidade e daí a severidade demonstrada pelos homens, vocês envenenam sua tranquilidade, corroem sua estabilidade. Suas dores repetidas e fugidias, dores insolúveis, dores fora do pensamento, dores que não estão no corpo nem na alma, mas que têm a ver com ambos. E eu, que participo dessas dores, pergunto: quem ousaria dosar nosso calmante”? (Antonin Artaud – Domínios do Demasiado)

Em vão — amordaçadas por vossas leis sociais, dormem entre vós energias destruidoras que poderiam fazer voar o mundo pelos ares. Por seus olhares incendiários, reconheço, nos terrenos desertos, Átila,

Gêngis-Khan, Tamerlão. A embriaguez do álcool é, para os operários, o mais nobre protesto contra a vida sórdida que os fazem levar. A espera da morte, enfim, do pensamento do ocidente, à espera do cataclismo futuro aureolado de revoluções, eu, Morfeu, moldo as hordas vindouras de acordo com minha rude higiene. Enquanto espero a hora, é sobre si mesmos que exijo que eles exerçam sua força de destruição. E as mutilações voluntárias, os envenenamentos terríveis dos alcoois que fazem o ser ofegante rolar nas margens da morte, os golpes de cabeça nas paredes, todos os sofrimentos que me foram infligidos são os únicos critérios que me asseguram a existência de homens fisicamente desesperados, suficientemente mortos em sua própria individualidade para de- mostrar na face o sarcasmo impassível do desinteresse perante a vida, único penhor de todos os atos sobre-humanos”. (Gilbert Lecomte - Domínios do Demasiado)

Com meus pés aleijados não posso deixar de estar, de coração, entre as hordas subterrâneas das lívidas crianças da noite que brevemente pisotearão sua imunda civilização [. . .] vou roen- do lentamente como um milhão de ratos, o ocidente que me rene- ga e não tomarei parte no desmoronamento desse colosso de pés de manteiga, cabeça de Veado”. (Gilberte Lecomte – Domínios do Demasiado)

Nesta floresta, nesta floresta que parece nunca terminar, havia tantos outros, tantas árvores que subiam. . . Era como o horizonte em cima, na vertical, como se a gente estivesse de cabeça para baixo: Lembro-me bem daquele espaço infinito e verde no meio do fogo, atrás de você, de você que trouxe de volta a natureza silenciosa, muda, a que está comigo. Você que é o olhar verde através do espaço transfigurado e eu a voz que fala, a voz que fala sem parar que diz não importa o que. Através das coisas, através do tempo, através dos espaços para ouvir música. (Glauber Rocha – Claro / Domínios do Demasiado)

Corpos alquebrados modificados pelas forças matéricas do mundo. Imagens mutiladas. Revides derrotados atravessados por metal e cidade. Corpos que circulam e cir- cumferem-nos. Ciborgues e moradores de rua em processo de modificação corporal instalando-se pelas urbanidades. Um pouco de cópula, se não eu sufoco. Suruba e gesto. (Domínios do Demasiado)

- * Jogos de contorções (modificação da forma e crescimento dos ossos)
 - * Constrições (compressão do corpo, utilização de amarras, ataduras, cinturões, cordas, borrachas)
 - * Suspensões (pendurar-se em ganchos, cruzeiros, através de múltiplos furos no corpo)
 - * Privações (enclausurar-se, congelar-se, jejuar, privar-se do sono, limitar os movimentos, fixar-se em gaiolas e sacos)
 - * Impedimentos (usar adereços de ferro, pulseiras pesadas, correntes)
 - * Penetrações (invasões, flagelações, perfurações, ato de picar-se, espetar-se, deitar em camas de pregos, injetar agentes quí- micos no corpo)
 - * Jogos de fogo (queimaduras, choques elétricos, marcas feitas a ferro e queimaduras).
- (corpo como suporte da Arte – Beatriz / Domínios do Demasiado)
-

A mulher de rua carregando seus dois filhos nos braços é interpelada pela carrocinha que recolhe crianças-vira-latas. Tiram- -lhe os dois filhos dos braços e os levam para as gaiolas infantis assistenciais, luta perdida de mulher perdida — risca o peito com a unha encravada, urra na rua desvairada e delinquente mostrando aos passantes suas tetas encravadas de leite, esguicha-as na garrafa de coca-cola. Já não é ereta, já não tem direitos. Bebe seu próprio leite-coca-cola, cadela tetrapódica, coçando as sarnas das pernas com os dentes. (Domínios do Demasiado)

Gente morando no subsolo, nos esgotos subterrâneos ou mesmo em buracos no chão cavados a colher — estranhas alianças do devir porco para o devir toupeira ou devir tatu. Passando pelos devires urubu, rato e caranguejo. Que tipo de bichos, que tipo de hibridizações estão se formando com tais agenciamentos? [. . .] Que espécies de desmaterializações e rematerializações encontramos aí nesse bloco semiótico, que perceptos e afectos são mobilizados, que antimatérias nesse agenciamento os seres liberam e que molecularizações ambientais eles contraem? Seriam os nossos autênticos mutantes não aqueles hollywoodianos, bonitos demais, saudáveis demais, poderosos demais, mas de uma outra espécie humanamente mais próxima, triste e real [. . .] Com a presença com os novos híbridos entre o homem e o animal, a quem iremos recorrer nesse impasse, Ibama ou Direitos Humanos? (Domínios do Demasiado)

Virava prédio, virava obra, me desmaterializava nas paredes nuas, quebrava em cacos, me reerguia suja. . . Amava tanto que previa a queda de tudo que havia e ainda vivia. Minha noite. . . Ruínas, rumores, risadas, rancores, ruídos, rabinos, ratos, romances-rápidos. . . As folhas caindo sem terem nascido. . . O ouvido ouvia tudo que não havia. . . Elas mulheres dos anos 50, saiotes, cadeiras-tetudas. . . Lenços e lenços na cabeça, no quadril, na garganta, no braço quebrado, na boca! “Na boca! Na boca! Não vê? Não ouves? Cachaça! Cachaça! Cansaço de degraus e adrenalinas. Procuro, caminho, vagueio, alucino, falo outra língua? Me escuta, te digo”. Daria para ser agora? Da morte eu te falo. Agora, quem sabe. Depois dá preguiça. . . Agora. . . Todos agora em orgia com a molécula. Libera o pensamento, ocupa o teu tempo, retoma o brilho da pupila, do muquifo, da sirigaita da vizinha. Traduz meu texto na janela, põem pra fora, defenestra. . . Da janela, da janela, veste o prédio de incêndio, não vê a língua ávida do fogo, como brilha. . . Dói o olho. Faz o prédio chorar de menina, de cachorro, tudo morto. . . Isso tá acontecendo? Ouvistes o choro da loirinha. . . É de fome. Vamos então, nada a perder. . . Um exército paralelo bem vermelho, cor de sangue e língua. . . Isso, contamina, contamina. . . Mas com sexo, eu quero gozar, bem gostoso naquele pilar. Vai, vamos. . . Juntos pela escada. . . Todo mundo se acaricia e se atira do vigésimo primeiro. . . Agora me deu fome, não quero mais. . . Eles perguntam tanto. . . Quem? Os mortos vivos ali na reunião. . . Expulsam-se de tanto medo. . . O menino falou que teve medo do distúrbio. . . Ele viu a moça cortando o cabelo igual ao da artista. Disse que ia ficar famosa, mas não dava mais tempo. . . Não tinha leite, caiu o dente. . . Muito cedo. Pinta a cara da criança para ela comer chocolate, bem suja. . . lá no andar da morta. Diz pra ela falar com o governador. Cara-a-cara. Beija a boca do governador, Kimberly. . . Beija, defunta de incêndio. . . Homem de negócio tem medo de fantasma. . . Vamos assustar ele, puxa a gravata dele, cospe gás putrefato na boca dele e tranca o reto. Que medo que eles têm do fogo. Vai morrer bem queimado, eu vi. . . Mas velho. . . Velho de dar pena. Busca a saída, busca saída, buscada, buceta, buzão. . . É tão pobre esse povo! Meu povo! Meu povo escandaloso e zonzó, venha até aqui ver o pau do menininho crescendo com a própria foto no jornal. Entrou um vírus vão no pensamento dele. Enxergastes? Eu vi bem claro o momento, entrou em mim também, no meio do olho. . . Vou ao paraíso dar uma olhada no dinheiro deles, depois eu conto. Agora quero restaurante chique porque aqui tá muito pobre. Meu povo pobre e burro, vamos fazer o despacho, mas com perfume caro. Lava o sovaco, estende o lençol no hotel para ela militar. Senão cansa muito rápido, é muita escada. Que culpa! Que culpa! Vou pedir as pazes! Não tô achando as bombas, sobram as fezes. Viu que caganeira deu essa bagunça toda? Limpa as paredes, tira as obras, desata os arames, põem fora os cachorros, limpa a casa, lava os banheiros. . . Isso é arte? Isso é arte? São mais pobres do que nós sem-teto. Só fio e pano velho. Limpa tudo e queima, queima os livros também, bota fora Maria-dissidente. Traz o armário pra baixo, limpa a maquinaria. Mas quando tem que ocupar, ocupa? Ah, aí os pobres fogem, e o artista da vida fica na frente da borracharia. Conecta nesse momento os fios da tua vida e suporta o tranco. . . Ali não dá pra pensar. Ali ou fica ou vai. Pra onde? Borda do tempo, borda do tempo sem teto. Escreve tua tese no paralelepípedo, mulher. Faz ele de travesseiro. Concretiza teu pensamento, só um pouco. Sistematiza ele na lona preta. Não é para sempre não — só aventura. Te aventura para ver o quanto o sangue corre. Mas eu tô tão cansada. . . Cansada. . . Cansada. . . Eu nem vi quando me pene-traram. Será que comeram meu cu também? Está doendo tanto. . . Rasgou a prega do olho do cu bem debaixo da lona preta. Era despejo? Não, instalação de artes visuais e plásticas. Tinha uns pedaços de porco morto, a menina levou para a avó comer, tinha fome a pobre-velha-pobre. Comia porco cru e assistia vídeo-arte. Ficou com tesão pelo rapaz laranja. Se tivesse dinheiro seria diferente, né não? Ia pagar o artista bonito para fazer uma instalação bem na entrada. . . Só a cabecinha na portaria. Dá mamã pro artista enquanto atira o osso pela janela. Caiu dentro do copo de maria-mole da outra louca. Mas só tem louco? Não, tem os ativistas. Eles sabem porque estamos aqui. Vão nos ajudar a sair. Mas quando? Calma! Temos que atravessar a experiência. Mas até quando? Até o fim dos tempos.

Mas se eu não quiser? Agora não tem volta. Eu vi o vírus entrar no teu olho, lembra? Mas era vírus vão? Não, era ocupação! (Domínios do Demasiado)

O ser humano precisa de não estar sempre no cotidiano, Precisa de sair do cotidiano e entrar noutros níveis. Noutra sensação do mundo. Precisa de voltar a saber, que não há só um único caminho entorpecedor e mecânico. Que a vida é mais sutil do que isso, Mais rica de redes e nós de sentidos e sensações, [. . .] É preciso entrar no êxtase, na contemplação na calma nos sentidos do corpo, no corpo, na poesia, em visões, no espanto, no assombro, no gozo no inconsciente, na perda, no esvaziamento, no desprendimento, na queda, [. . .] Nós precisamos muito-disso, — precisamos muito disso tudo estamos a ter muito pouco disto. E é por isso, que como disse Vinicius, O espírito está em erosão A cultura está em erosão E nós às vezes estamos muito tristes E temos a impressão de que a vida desapareceu daqui de dentro. (Domínios do Demasiado)

A figura do tecnoxamã insurge no imaginário das redes de cultura livre que atuam com arte, comunicação e tecnologia, como uma figura de mediação entre técnica e intuição, política e estética, matéria e espírito. É um mito contemporâneo de origem desco- nhecida, que representa um paradoxo compartilhado por todos, que é o uso da tecnologia digital e a criação. (Mendigos Piratas Videntes – Domínios do Demasiado)

O tecnoxamã interpreta o mito do tempo e da natureza, colocando em xeque a calculabilidade do tempo capitalista (“time is money”); é o movimento do devir inundando os condomínios fechados da representação, da imagem de segurança de um ciborgue protegido e vigiado. Ele faz um apelo à natureza no seu estado puro, ao mesmo tempo em que provoca o nascimento do novo ho- mem, que vê na técnica não um inimigo, nem um escravo, mas um sujeito transformador do próprio entendimento do que é a nature- za. Essa transmutação, no entanto, não deixa de ser ctônica, imanen- te, ela participa na produção de um imaginário sociotécnico que vai ao sentido oposto aos mitos de rebelião dos robôs — escravos, ao sentido de vigilância total a partir do controle do grande irmão. Ele é o maestro que põe em relação à orquestra de ciborgues, a orquestra de organismos que incluem as multidões queers, que não sabem exatamente a que gênero pertencem, nem a que políti- cas de identidade, classe, cultura, deveriam se enquadrar. (Mendigos, piratas videntes – Domínios do Demasiado)

O tecnoxamã é contra a política de enquadramento, porque sua cura não propõe o restabelecimento de um plano fixo, pressu- posto por um léxico psicopatológico, porque ele vê um problema ou uma doença sempre a partir do ambiente em que o corpo está submerso. É uma série de afecções que envolve um corpo, esse en- torno determina pontos fracos para fazer sua aparição. A ultra seg- mentação de um corpo social, ou de um corpo orgânico se torna então obsoleta. O que mais importa é a apropriação do conhecimento sobre o corpo. Medicina, nesse sentido, é um tratamento de corpo que se recicla, que é conhecido por si mesmo. As técnicas de cura podem ser difundidas. Utilizadas. A reciclagem curativa é tirar o elemento do seu ciclo atual e devolvê-lo a um campo de vitalidade.

A vidência que expressa o tecnoxamanismo está tomada por todas essas verdades, em um contexto de esgotamento de recursos e imaginários que envolvem o projeto industrial do século XIX e XX, e de desenvolvimento medido por ritmos de aumento de salários face ao consumo de frangos e iogurtes. Ela opera num recorte entre um real decadente e uma realidade potente cheia de possibilidades. Como mito contemporâneo, ele restitui a possibilidade de mágica da vida, fora dos nichos da produtividade e do reconhecimento. (Mendigos, Piratas, Videntes – Domínios do Demasiado)

Madrugada. Poucos carros insistem na avenida Prestes Maia. A líder sem-teto não prega o olho. Será hoje o despejo? Em suas pálpebras pesam quatro mil vidas saídas de cortiços, favelas, praças públicas, viadutos. . . Quanta promessa foi feita para que essa gente toda se aventurasse na peleja infame em busca de teto? No reflexo da janela o olho esbugalhado vê as caras-das-pessoas: Dona Romilda cozinheira. Dona Idalina na costura. Manoel linha de frente. O vidro lhe espelha as caras todas e todas elas lhe exigem respostas. Mas não há respostas. Sabe só que a liminar despachada pelo juiz da 25ª vara anuncia a reintegração de posse e o despejo pode ser hoje. . . Insônia.

Vigília-espreita que transmuta aquele-que-vende-água-no-semáforo em guardião-da-aldeia-sem-teto. Ele chega na ocupação cansado do barulho dos carros das encruzilhadas, troca sua roupa suada pela de arqueiro da noite; café quente na térmica; dedos engatilhando cigarros como se fossem fuzis; pupila na vidraça quebrada espionando a possível aparição dos cães de guarda, oficiais de justiça, atiradores de elite e assistentes sociais que fecharão a rua em seus dois lados instaurando a pressão armada. Em nome da lei, das “revitalizações”, das estúpidas associações semânticas que ligam a condição de pobreza à descartabilidade, os legitimados promovem prodigiosas varreduras na cidade despejando gente, gradeando praças e engaiolando moribundos em lixeiras assistenciais. “Meus companheiros de luta são condenados pela lei como formadores de quadrilha. . . Tenho que estar atenta. . .”, diz a líder sem-teto para si mesma passando ruge nas olheiras-de-sono. (Domínios do Demasiado)

Despejos forçados são confrontos de forças que acontecem num determinado tempo-espaço que foge absolutamente do tempo-espaço determinado. Essas pequenas guerras são capazes de produzir atualizações imemorráveis: no embate das forças os horários copulam; uma estranha euforia invade os corpos; os gestos e gritos emitidos pelas hordas combatentes evocam inimagináveis devires. A boca arreganhada, a vontade inabalável, a disposição de viver e morrer a um só tempo. O clima absolutamente extraordinário que percorre as veias já dilatadas, o coração pulsante. (Domínios do Demasiado)

Era dia de despejo — dia da manifestação idiossincrática do poder — dia de atualizar o confronto já sabido e no entanto sempre novo. Ritornello escandaloso. Atualização de memórias minguidas realizadas nos terrenos públicos da cidade qualquer. Os cães magros desprovidos de direito combatendo os cães de guarda dos impérios.

Depois do despejo inevitável, a tatuagem na calçada em frente ao prédio outrora ocupado. O grupo de sem-teto da Plínio Ramos se arrisca em marcar a frente-do-prédio-da-cidade com sua instalação-presença. O prédio despejado fechado de cimento torna-se parede de prego que sustenta as lonas-pretas, casas arranjadas, arranhadas nas calçadas. Já não há teto, já não há prédio, somente uma condição de existência exposta na calçada pública: Instalação-de-vida-lona. (Domínios do Demasiado)

O desvario surge aos poucos. . . Os golpes da desesperança densificam vagarosamente a realidade cor-de-lona-e-fome, tenuamente calcinam os corpos quase-todos-pretos. A vida se altera como se bebesse goloços de aguardente. O embriagamento paulatino exercido pelo excesso de uma realidade nua, transporta as vidas-tatadas-nas-calçadas para campos de concentrações demasiados. O real densificado vai criando estados de torpor e de demência. Desmoronam identidades, por certo, desmoronam também potências. Vida-lona; vida-superfície. Sem romantismo e sem desprezo. As corporeidades horizontalizam-se; calçadificam-se. Os jatos de poder retornam intermitentes em pequenos espasmos delirantes. (Domínios do Demasiado)

A mulher faz voltas no quarteirão, está furiosa; fala diretamente com o Ministério da República no celular de plástico — brinquedo do filho — com um ministro qualquer sobre a situação em que ela e os seus foram colocados. Faz uma série de exigências, fala em indenizações, ofende a esposa do presidente e por vezes agacha-se, como se estivesse com dor no estômago, a fim de recu- perar forças para o próximo xingamento. Volteia o acampamento estendido em frente ao prédio de portas acimentadas. Berra male- dicências contra a polícia e acusa deputados de assassinatos. O res- to da população instalada ouve conivente suas vociferações, lhe custa acreditar que não há ninguém do outro lado da linha, pois é tudo tão absolutamente provável. A vida comprova a factualidade das palavras da cozinheira! No entanto, a própria vida torna-se impro- vável. O delírio daquela-que-cuide-da-cozinha sinalizava, enquanto gesto corpóreo, a fome-louca-de-todos-os-tempos. Fomes e demên- cias. . . Teme-se o extermínio lento até mais do que o metal pe- sado da tecnologia das armas policiais. (Domínios do Demasiado)

Performance inédita e imemorial produzida por uma peque- na multidão sem-teto. Meses antes do despejo fatídico da Plínio Ramos ou de qualquer outra ocupação eles, os cães magros, peram- bulam aos bandos à procura de prédios abandonados. Migrações internas da cidade; populações em deslocamento. Uma massa mi- serável adentrando inusitados territórios: disfunção-da-cidade-da- -ordem. Procuram espaços ociosos cheios de dívidas — antigas dá- divas. Pequenas matilhas de despejados do mundo atrevendo-se a habitar. Mapas trêmulos, insuspeitáveis variações nos territórios comuns da cidade territorial e burocrática. (Domínios do Demasiado)

Sobre a velhice, três questões: Solidão. Quem fara companhia a velha, eroticamente ou não, quando as peles soltas desgrudarem dos músculos e flácidas derem lugar aos vincos, às curvas secas, às nádegas vazias? Quem cuidará dos órgãos atrofiados, banhando a velha ao anoitecer, antes da lua, antes da noite encantando-a com histórias vividas e com mitomanias? Esquecimento. Como achará a casa, se perde a referência, se vive em frequência distante da cidade que habita? De que terá valido uma vida, se agora se dobra sobre si mesma em busca de um instante entretido em algum desalinho solto do neurônio evazivo que preguiçoso já nada emite, que solitário se ilumina fraco? Qual rumo tomaria ao abrir os olhos e desconhecer o todo, a volta, o corpo? Morte. Que entrega coerente teria alguém que amou a vida, a encheu de escolhas e esquinas? Como abandonar o corpo, se não há esperança que o processo termine. Daria para paralisar a queda antes de soterrar o sopro? (heráclito)

Na Amazônia o xamanismo é tão violento como a guerra é sobrenatural.
Na Amazônia o xamanismo é tão violento como a guerra é sobrenatural.
Na Amazônia o xamanismo é tão violento como a guerra é sobrenatural.
Na Amazônia o xamanismo é tão violento como a guerra é sobrenatural.

(Viveiros de Castro)

Subjetividade antena: alta capacidade de captação de sinais. Processamento de dados em velocidades variadas. Sensibilidade a fluxos advindos de todo tipo de emissão: materiais, humanos, extras. Inconsciente maquínico— produtor, ininterrupto, processual. Intuição avantajada. Faz interagir elementos semióticos heterogêneos. Disponibilidade para articulação de informações. Criatividade na re-emissão de dados

- C-g: Teu ponto de equilíbrio é a busca desesperada por sobreviver a era do controle, buscas na ancestralidade uma bússula, um resto para que te conectes e já não sintas o peso da tua existência. Com esse contato só disfarças tua decrepitude.
 - C-b: Tua aparição violenta só ressalta o controle, você utiliza a violência, a arma do inimigo, não cria nada diferente disso, teu instinto é homicida, você quer contaminar o mundo com o teu rancor.
 - C-g: Eu sou menos humanista do que você pensa, e se uso a arma do inimigo é por pensá-la eficiente. Se é capaz de despertar tanto desespero, é também capaz de despertar alguma liberdade. Me alimento dela. Ela me supre. Mas ao contrário de virar escrava ou salvadora, me torno menos pessoa, eu sou um monstro. E quero ser mais monstro ainda.
 - C-b: Não gosto de violência, para mim é falta de argumento. É o regime do terror. O seu respeito é garantido pelo medo que produz nas pessoas. Elas não tem tempo de pensar, nem de criar alternativas, elas ficam amedontradas com tua postura, e por medo te adoram.
 - C-g: Eu nunca tive medo de nenhum mito. Gosto de ser adorada. O que faço pode ser admirado. Mas você se engana em dizer que me adoram por medo, existe outra palavra, fascinação. É o que se sente pelas tempestades, pelos ventos fortes. As ações tem muitos outros sentidos para além da tua lógica amedrontada.
 - C-b: Você prefere acreditar nas sensações como se elas fossem a única fonte de conhecimento, tem outras. Eu prefiro por exemplo existir mais integrada, pensando que minhas verdades contam menos que a experiência de estar viva. Prefiro acreditar mais na exuberância do que na falta. Quando vês a pororoca não a amas por fascinação, mas porque tu mesmo é pororoca, te tornas conivente. Admitir a paz certamente não é tão fácil como admitir a guerra. E isso não é uma oposição.
 - C-g: A paz não é uma oposição a guerra? O que seria uma oposição à guerra? a celebração? Você já esteve na guerra? Já viu corpos mutilados? O zumbido do bombardeio? Você acha que pode cultivar uma cultura hippie no meio de uma catástrofe?
 - C-b: Acho que o contrário da guerra é a negociação. Considero bem mais fácil assumir a guerra como algo inevitável, como cultura humana, da qual não temos como escapar. Utilizar argumentos de guerra só reforça a esdrúxula invenção. Se não tens meios de evitá-la, melhor ser sua cúmplice. É o que sua ação me faz pensar. Você se rende.
 - C-g: Já seus chás xamânicos e sua pureza me fazem pensar numa situação humana deplorável, mendiga, que sonha com o paralelismo e que acima de tudo, nega o mundo que vive. Perdoa todo sofrimento e por isso o repete.
(tecnomagia)
-

Ela sabe que não é um ser humano comum. Sua mente é controlada. Tem dúvidas se seu corpo é de gente viva ou morta. Tem um ghost, um espírito. Sabe identificar a si mesmo dentro da vasta e infinita rede. Tem habilidades, sentimentos. É uma forma de vida em processo de individuação¹ - não é estática. Não concorda com os que diferenciam os humanos dos robos a partir de suas atribuições genéticas. Não antepõe o orgânico e o não orgânico, pensa que tudo que há é natureza. Seu cérebro é neuro-tecnológico, sua matriz antropológica é a informação. É capaz de auto-transmutação. Modifica-se estruturalmente e transmigra de corpo. Seu ciber-cérebro pode incorporar outros corpos, chega incorporar em três, quatro corpos ao mesmo tempo. Mas isso tem consequências. Cada corpo carrega suas próprias bases de dados, a incorporação provoca constantes

¹ Referência a teoria do princípio de individuação de Simondon, Gilbert. *L'Individu et sa Genèse Physicobiologique*. Paris: PUF, 1964. e "L'Individuation Psychique et Collective" (1989)

alterações em seus códigos. São situações de risco, pode ser infectada e sofrer modificações no seu sistema de informação. Tem que se esconder constantemente do Estado, da polícia e dos hackers a serviço de alguma corporação. Se torna um ser híbrido na medida que encarna, mas pode perder o controle com facilidade e necessita de ajuda externa para manter-se alinhada. Essa ajuda externa é feita por ligações ativistas e afetivas. Sua inteligência artificial é mais rápida que a do humano médio, é amplificada, dinamizada e sua intuição ganha velocidade na medida que é exercitada, por isso seu risco é um pouco menor do que os corpos incorporados, que podem entrar em complexas crises ou serem colapsados. Mas sua ação também não é segura. (Tecnomagia)

chuva

apocalipse da caixa preta

libertar todos os backups

falar português direitinho

checar os emails

desligar a internet e escrever a tese

em águas despatriadas

furar o bloqueio

escrever a tese

levantar a laje

herdar a briga

Yupana Kernel

Ya no quiero comer beber respirar amar a una mujer a un hombre a un niño a un animal. Ya no quiero morir. Ya no quiero matar.

Rompe la fotografía del autor!

Desgarro mi carne sellada. Quiero reposar en mis venas, en la médula de mis huesos, en el laberinto de mi cráneo. Me retraigo hacia mis entrañas. Me abrigo en mis excrementos, en mi sangre. En alguna parte están descuartizando cuerpos para que yo pueda sentarme sobre esta mierda. En alguna parte están descuartizando cuerpos para que pueda estar por fin solo con mi sangre. Mis pensamientos son suturas. Mi cerebro es una cicatriz. Quiero ser una máquina. Los brazos aferran las piernas desplazan, ningún dolor ningún pensamiento.

Yupana Kernel

Olhavam para o céu em busca de desenhos de constelações com satélites.

Desenvolveram um hábito peculiar: Construíam antenas com grande varas de bambu e geralmente nas sextas-feiras apontavam suas varas para o céu tentando encontrar satélites abandonados para tentar passar um bit que seja para algum amigo em outra parte do mundo.

Buscavam algum sinal de que teriam como construir uma rede de transmissão de dados que não precisasse passar por dentro

dos Backbones da Internet, cada vez mais visados e controlados pela indústria da massificação do consumo energúmeno de simulacros medíocres.

Naquela noite encaravam o cinturão de órion e rabiscavam o chão a desenhar as 3 marias como pontos de um plano cartesiano tridimensional para um teatro qualquer onde seus satélites preferidos seriam astros e estrelas de uma baile noturno para fantásticas narrativas sobre futuros imaginários utópicos. Lá eles teria seu próprio ponto de fuga nesta perspectiva de uma conexão totalmente autônoma e livres da demandas

dessssssaaaaaaaaaaaaaaaa... ra'aa'aá'aááááá'aá

Yupana Kernel

Laica,
late!
Eclipsa!
Guarda a Estrela!
Longe! A tempo de em breve trazer-te a prosa
mais concretamente sólida do que uma fórmula de preparadas acentuações fônicas nas bases.

Yupana Kernel

Dentro daquela caverna chamava a atenção o fato
De que rabiscos com sangue de porco do mato
Descriviam órbitas em antenas de latão

Nômades sem Satélite...

Um ábaco de barro
e válvulas de carvão
calculava em estalos e faíscas
O risco da reinvenção

Eis que aproxima-se então
Um ser SEM corpo fechado
Com as tripas saltitando
em Ditongos sincronizando
Suas 3 cordas vocais
pendurados num banjo de bambu

Pousado sobre as tarrachas um urubu
Com cabeça de Uirapuru
Saiu logo latindo, miando e grousando mais que pífano de Caruaru

Na frente a marca do velho mundo:
'Processador Turing's Bite'.

Da sua testa projetou-se um holograma
A imagem da sepultura de um velho bhrama
O amistoso e sorumbático epitáfio:
"Nem tente, fio".

e Gritou gutural:
- "A dor que deveras mente
apagarei de sua memória!
Junto com toda História

Numerais e Alfabetos
e renascerás entre Naufrágos!"

#shutdown -f now!

}

Acomodados entre um pranto e outro.

A labareda sai do loop, e encarna em teu cadáver, 7. (Teu ex-nome).

Você olha pra mim e diz:

- Eu sou Yupana.

Essa gente afirma que é da matemática que se trata e não do espírito da rebeldia e da dúvida. Mas não é de matemática que se trata. É uma inquietação horrenda que se estende pelo mundo. É a inquietação de seu próprio cérebro que eles transpuseram para a terra imóvel. Eles gritam: são os números que nos convencem! Mas os números de onde vêm? Qualquer um sabe que eles vêm da dúvida. Esses homens duvidam de tudo. Será na dúvida, e não mais na fé, que iremos fundar a sociedade humana?

Yupana Kernel

Incomodados entre um canto e outro {

Um canto

Um lance

Um sopro

Um soco

Um gozo

e pronto.

De um buraco em chamas no chão surge uma labareda de tamanho mais ou menos de um humano adulto.

Desperta no meio da noite a faísca

ilumina um breu mais preto que o contraste entre a letra e seu inverso.

Vai e versa o Universo.

Negra escuridão profunda e sombria que outra sombra aquece
um único contraste, e basta.

Yupana Kernel
